



**SOMATÓRIA
DE
TEXTOS AVULSOS**

PEDRO CÉSAR ALVES
- ARAÇATUBA - SP

Com especial carinho a você, caro leitor, que baixou estes textos...

Do seu amigo / prof. Pedro C.

CAPA
PEDRO CÉSAR ALVES

SOMATÓRIA DE
TEXTOS AVULSOS

PEDRO CÉSAR ALVES

1ª Edição – 2024

DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada a todas as pessoas, em especial – você que está a ler. E, é claro, se me fizeres comentários, outros textos surgirão destes.

Dedico, também, estas linhas a minha esposa, aos nossos filhos que permanecem ligados ao nosso projeto de vida, aos meus pais que sempre ensinaram o caminho do bem, e à sociedade que, de certa forma, oferece assuntos a este aprendiz de escritor.

Agradeço ao leitor pela paciência em ler e comentar. E agradeço muito mais ao *Ser Maior*, Sabedoria Inconfundível, por indicar através das Letras o caminho para a construção do texto, expressão ‘quase plena’ do pensamento.

PREFÁCIO

Sabemos que dia após dia o Homem busca novas descobertas e, nestas descobertas, o campo das Letras se faz presente – fazendo-se presente, a imaginação cresce e o desenrolar das ideias nos textos borbulham cada vez mais a partir das observações.

Espera-se que o leitor atente para as situações possíveis da vida, pois é nestas que se faz presente o *conteúdo imaginário* dos textos a seguir: observações de uma mente fértil que gosta de criar / contar histórias...

Assim, vem à tona mais histórias de um cidadão que busca cada vez mais espaço no campo das Letras e escolheu a cidade de Araçatuba como fonte inspiradora de seu trabalho.

OBSERVAÇÃO

Alguns textos se perderam no tempo (sem datação);

Logo, todos estão em ordem alfabético de título.

SUMÁRIO

01 – A cor da roupa	09
02 – A imagem diz tudo	10
03 – A máquina do tempo	12
04 – A obra de arte	13
05 – A paixão segundo Eu	14
06 – Anjos, às vezes, é enviado	15
07 – As pessoas como são (viver sozinho)	17
08 – Um cafezinho	19
09 – Cata-vento	20
10 – Erotismo	21
11 – Escrevinhando ser pai	22
12 – Eu mesmo	23
13 – Eu safado?	24
14 – Fred	25
15 – Isolamento	26
16 – Isso é Brasil	27
17 – Meus óculos escuros me fizeram ver	28
18 – Não é fácil	29
19 – Noite de domingo	30
20 – Noites longas em curtos dias	31
21 – O estranho	32
22 – O gosto pela coisa	33
23 – O ilustre	34

24 – O jogo	35
25 – O nome dela não é	36
26 – O pipoqueiro	37
27 – O sorriso enigmático	38
28 – Observações	39
29 – Outro dia	40
30 – Overdose	41
31 – Pelo buraco da fechadura	42
32 – Pensamentos cruzamentos	43
33 – Perfis engraçados	44
34 – Pesquisa é coisa boa	45
35 – Propaganda	47
36 – Que política é esta?	48
37 – Soma de mulheres	50
38 – Sonho de sonhador	51
39 – Todo dia é seu dia, Mãe!	52
40 – Trabalhar só depois dos trinta	53
41 – Um bichano especial	54
42 – Um dia gostaria de ser político	55
43 – Um ser revolucionário	56
Sobre o Autor	58

A COR DA ROUPA

Às vezes deparo-me com certas pessoas que, no final das contas, são bem diferentes do que pode ser considerado normal: usam cada tipo de roupa! Aliás, creio que além do corte, a cor influencia.

Outro dia estava em meu trabalho – num deles – e notei que uma senhora estava com uma blusa, sem mangas, em tom verde. Sabe aquele tom verde cheguei? Pois sim, este. Com sutiã branco que, às vezes, aparecia: nada contra, muito menos a favor. Mas, por dizer, estranho.

Sou fá do verde, mas nela estava muito chamativo. Não conseguia desviar os olhos dela – e era, por sinal, até atraente. O que mais me levou a escrever sobre tal assunto foi a cor da sua blusa, provocante... E não ela mesma, embora tivesse esta um belo corpo!

Determinadas cores são tão ‘cheguei’ que passa a ser, por assim dizer, estranhas. Em determinadas pessoas ficam ótimas, em outras, nem tanto; mas, afinal, qual a cor ideal? Nem sei o que responder para tal pergunta, mas o importante é a pessoa se sentir bem. (E talvez ela tenha gostado daquela cor...)

Eu, por exemplo, gosto muito da cor rosa, inclusive uso camisas roas. E uso porque gosto mesmo – mas vale lembrar que há pessoas que são preconceituosas até sobre determinadas cores. Mas cada um é cada um. **(19/09/2012)**

A IMAGEM DIZ TUDO

Lugar um tanto apertado, escuro, mas se acomodaram – a ânsia do encontro fazia tudo aquilo desaparecer. Minutos depois, não se sentiam bem: escolheram uma mesinha no passeio público.

Tudo aquilo parecia um filme antigo, da época do cinema mudo, preto e branco. Entre eles uma mesinha. Ela sentada de um lado, com roupas tradicionais: calça jeans e blusa sem estampas, clara; tênis. À mão direita a pequena correia que segurava o cão próximo a ela, que minutos depois frouxamente prendera em uma das pernas da mesinha. Ele do outro lado: calça jeans, camisa com listas em cores alternadas; tênis. Entre os dedos dele um cigarro se desfazia. A aliança brilhava na mão esquerda: nunca a tirava, nem mesmo nas horas mais perigosas de seu árduo trabalho.

A conversa, que posteriormente levou ao encontro, começara numa festa entre amigos da mesma empresa em que ela trabalhava. Ele, a convite de um dos sócios, aparecera. Ela trabalhava numa pequena confecção de roupas íntimas. Estilista de coração, por assim dizer, e não de formação. Ele, como costumava dizer aos amigos: era um biscateiro. Alguns riam, outros nada entendiam, mas os mais preocupados com a linguagem diziam que já não se usava mais tal vocábulo no sentido que ele o empregava. A língua evolui. Ele, por sinal, dizia que assim chamava a atenção.

Naquele início de noite foram apresentados: ela como funcionária da empresa de peças íntimas, de propriedade do dono da casa; ele um profissional liberal que prestava pequenos serviços. Os minutos foram passando, mais convidados chegando – até parecia uma festa de final de ano, mas não era. Os lugares começaram a ficar escassos. Gentilmente cedeu a poltrona onde estava sentado a uma jovem senhora que aparentava estar no sétimo mês de gestação. Começou a circular entre os muitos convidados. Alguns conheciam, outros não. E conversava em tom meio alto – parecia que queria chamar a atenção de alguém.

Não obstante a todo esse movimento, não a perdia de vista. Melhor: seu olhar procurava o olhar dela que, às vezes, corria do dele. E continuava a conversar com os convidados que cada vez chegava mais – parecia que conhecia a todos, ou quase todos. Aproximou-se da churrasqueira, serviu-se de alguns pedacinhos dos picados oferecidos. Proveu-se de um pequeno pratinho descartável, encheu-o e levou a ela.

Mostrando-se atenciosa, mas um pouco ressabiada, tenta recusar, mas frente à insistência dele, aceita. Ele acrescenta: ‘Um minutinho que vou arrumar alguma coisa para bebermos. Você prefere o quê?’ Ela, educadamente, balbuciou palavras que indicavam que não era preciso preocupação da parte dele; ele insiste e ela acaba por dizer que com o calor uma cervejinha desceria muito bem.

Minutos depois ele se apresenta ao lado dela com dois copos em uma das mãos e na outra a garrafa com o líquido bem gelado. Coloca-os ao lado dela, no chão. E pede mais um minutinho. Ela passa apenas a observá-lo. Dirige-se aos fundos e vem com uma cadeira em uma das mãos, na outra uma grade de colocar vasilhames. Coloca-a em pé – tomando a mesma como se fosse uma mesa.

Pega a cadeira que trouxe e a ajeita perto da cadeira dela, senta-se e acrescenta que agora, sossegados, poderiam tomar a cervejinha.

Ela, em seu íntimo, observa tudo atentamente. Mostrava-se naquele momento um exímio cavalheiro. Talvez, sabe-se lá o quê, qual seria a intenção dele para com ela. Ela, apesar dos muitos pesares que passara em sua vida, sempre se mostrava aberta a possíveis conversas.

A conversa fluía – assim como a vida – após a escolha de se sentarem numa mesinha no passeio público. Lembraram daquele momento em que foram apresentados, do churrasquinho quentinho que vira e mexe ele tratava de buscar, da cervejinha que não deixava faltar no copo dela – quase que a embebedando, da primeira vez que ambos combinaram de se falar ao telefone num fim de semana (só se falavam durante uma ou duas vezes por semana); estavam com boas amizades, mas ela preferia dizer que eram apenas amigos, nunca deixando caminhar para o lado que ele pretendia – que era tê-la.

Num desses encontros, não o último, ela o questionou sobre a aliança que brilhava em sua mão. Ele desconversou – mas não teve como correr, pois, ela sempre volta ao assunto – apenas acrescentou que era um trato que tinha com os filhos.

A MÁQUINA DO TEMPO

Criança tem cada ideia! Certa vez meu pequeno resolveu fazer a sua máquina do tempo, apesar da pouca idade, tinha na mente ideias geniais.

Logo vendo que as suas ideias eram geniais, resolvi comprar um pequeno laboratório e colocar nas dependências do fundo da casa. Este não perdeu tempo e sempre vivia lendo livros e manuais sobre experiências e, após várias leituras disse-me que tinha feito a máquina do tempo.

Não dei crédito aos seus falares, pois criança sempre gosta de inventar (assim como nós adultos que gostamos de inventar histórias) e pedi que fosse dormir, pois no outro dia tinha muito a fazer: escola requer tempo de estudo.

A noite maravilhosa passou e acordei com um certo barulho. Era estranho. Vinha das dependências do fundo da casa. Caminhei para lá. Lá estava o pequeno tirando o seu pequeno capacete e olhando-me assustado.

Olhei para o computador que estava ligado e depois novamente para ele. Não entendi nada. Questionei sobre o que estava acontecendo:

- Nada, papai.

Sabia que ele não falaria. Pedi que se preparasse que o levaria para a escola. Deixei-o na escola. Quando retornei o que fiz primeiro foi olhar atentamente o laboratório. Havia algumas alterações: determinados fios da mesa do laboratório estavam ligados ao computador. Estranhei, não havia deixado assim.

Mas esperei pacientemente por sua volta. Almoçou e logo depois já estava em seu pequeno laboratório. Entrou e fechou a porta. Fui para lá nas pontas dos pés e comecei a espiar da vidraça. O pequeno ligou as tomadas do laboratório, depois ligou o computador. Colocou um capacete com visor protetor e deu um click num programa. Rapidamente uma tela se abriu e um pequeno homenzinho começou a caminhar. Meu filho usava apenas a mão direita no teclado – as tais setas.

O tempo passou e duas horas depois a porta das dependências do fundo da casa foi aberta. Questionei se ele havia viajado naquela tarde.

- Claro, papai, encontrei-me com vários tipos de dinossauros.

- Mas como acontece isso?

- Eu fiz a máquina do tempo.

Bem, quem sou eu para falar não? Discutir para quê?

Afinal, criança é criança!

A OBRA DE ARTE

Se há algo que gosto de fazer é observar atentamente as composições artísticas, principalmente as telas (quadros). Estas me remetem – pelo menos penso assim, a algo transcendental.

A obra de arte é algo sublime; é algo divino – mesmo que alguns não a consideram. Coloque-me, agora, frente a obra de Almada Negreiros, datado de 1954, intitulada ‘Retrato de Fernando Pessoa’. Os tons nela aplicado sempre me chamaram a atenção – cores vivas e Fernando Pessoa retratado num terno preto, camisa branca.

Não sei, sinceramente, o que me atrai nesta obra. Será, possivelmente (ou talvez), o processo de criação de ambos? **(01/09/2012)**

A PAIXÃO SEGUNDO EU

O que é a paixão? Muitos a definem de diversas formas, com mais ou menos fervor. Tentarei, em poucas linhas, definir segundo o meu ponto de vista.

Paixão é algo avassalador; algo que vem não sei de onde, percorre o nosso corpo por algum tempo elevando a temperatura dos sentimentos e, de repente – não mais que de repente (como diz o poeta) – se vai; às vezes, lentamente se vai.

O seu estrago é tão duradouro que se carrega por toda a vida, e passa a ser até perturbador. Terrível!

Concluiria que paixão é um sentimento que pode levar o ser humano à derrota! **(08/10/2012)**

ANJO, ÀS VEZES, É ENVIADO

Não entendo bem as coisas, melhor: não entendo bem os propósitos do Ser Maior, Deus – o Criador. E, por não entender, às vezes, reluto. Relutando, às vezes, tropeço. Mas Ele me estende as mãos e levanta-me sempre.

Sou um ser que penso muito (escrevo assim porque há seres que têm preguiça de pensar). Eu, pelo contrário, às vezes ‘fervo’ de tanto pensar – e, às vezes, na busca de explicações de certas coisas que me acontecem. Na busca de tentar adivinhar o porquê ‘daquilo’ estar acontecendo.

Nesta manhã de domingo estou leve. Passei um sábado maravilhoso: o ‘fervo’ das baladas não me estava caindo bem: resolvi mudar, queria mudar – mas não encontrava forças. Mas o Criador, Pai e conhecedor de tudo, em sua benignidade, estendeu sua mão novamente. Até saí de casa no sábado, mas com propósito diferente e hoje – domingo – estou ótimo!

Resolvi na tarde de ontem visitar minha mãe. Depois dar uma alongadinha e dar os parabéns a uma grande amiga que se encontrava numa balada aqui da cidade – após um rápido telefonema. Fui, mas não me senti bem – meia hora depois estava em casa (o que causou estranheza nela).

Espero que essa estranheza permaneça, não somente nela, mas nos grandes amigos que lá possuo – pois de hoje em diante quero guiar os meus pés para os templos de Deus. (E, acrescento: não sou eu apenas que sinto um vazio quando lá está - explico: enquanto a esperava chegar até onde eu estava sentado, uma amiga se aproximou e comentou comigo que também estava farta daquilo – que gostaria de mudar e estava pensando seriamente em abandonar tudo – as baladas – e guiar os seus passos para a Casa de Deus, de onde viera e não deveria ter saído. Concordei com ela e disse que buscaria forças também no meu interior para isso acontecer comigo.) E quero continuar causando estranheza sim.

Mas para tudo tem os porquês que, às vezes, desconhecemos. Em mim aconteceu por causa de um anjo. Um anjo que, por propósitos do Ser Maior, foi colocado em meu caminho. Vejo desta forma – o Ser Maior entende.

Este anjo tem nome e sobrenome – e como sempre digo: da cor do pecado! (A cor do pecado, como às vezes cito, é cor morena! Negra!) Encontramos, por acaso, e no tecer dos dedos conversamos durante bons dias. Contava as peripécias vividas, os sentimentos, as vivências – e ela fazendo o mesmo: criamos laços de amizade. Resolvemos nos encontrar.

Hoje, domingo, dia dezoito de março: vou dar os primeiros passos de volta ao templo do Criador e firmar os pés lá – pois somente Ele é o ser Maior para me ajudar. E os dias dezesseis, dezessete e dezoito de março deverão ficar marcados em minha mente – quero acreditar nas transformações.

E, ao voltar para casa hoje à noite, quero sentar-me aqui novamente nesta cadeira, ligar este notebook e escrever que estou mais leve que esta manhã – mesmo tendo um dia cheio de trabalho (pois agora passarei a preparar as aulas da semana – um total de quarenta e quatro aulas!) – e não reclamar, pois tendo bastante trabalho significa que o Criador abençoou o fruto do meu trabalho, fazendo-o reconhecido.

E a você, meu caro leitor, acredite que Deus pode fazer coisas magníficas por aquele que n'Ele crer – basta crer! Crer – ter fé – e pensar (repensar) na vida que leva e pedir ao Criador que a mude, que opere a seu favor. E Ele, conhecedor dos mistérios da vida, operará a favor. **(18/03/2012)**

Obs.: Hoje, janeiro de 2024, entendo que estar num Templo significa 'reunião social', porque templos somos nós!

AS PESSOAS COMO SÃO – (VIVER SOZINHO)

Como são engraçadas as coisas! Às vezes, percorremos longos caminhos e nem sempre acontece como esperávamos, mas... E de repente acontece de maneira que não esperamos. Como é este mundo, não é mesmo?

Eu sou uma pessoa que não me dou muito bem com o conviver junto – sou muito estourado! Tenho, possivelmente, o olhar franco das coisas e não fico medindo palavras – apenas falo o que penso, não guardo facilmente mágoas – só em extrema repetição de mesmos erros, e acabo de falar chamo para tomar café – como se nada tivesse acontecido. Sou assim... E pretendo ser assim até o último suspiro de minha permanência neste tabernáculo terrestre. (Tabernáculo vem do latim ‘tabernaculum’ e significa tenda, cabana, barraca; no tempo do Êxodo também existia – e era uma tenda portátil onde Deus falava ao seu povo por meio de seu profeta - Moisés; aqui no texto, quando usei, dei-lhe a proporção de ‘corpo humano’.)

Decidi há pouco tempo que, apesar do viver sozinho ser penoso, mas a mim está sendo necessário. Vivo bem – e sem brigas. Claro! – pode você, caro leitor, dizer. É obvio que não é possível eu brigar ‘com euzinho’ mesmo – mas, às vezes, acontece... Acontece quando faço determinada coisa e, tempos depois, vejo que não era aquela a melhor maneira – logo, discuto comigo mesmo: por que não pensei melhor antes de fazer?

E, como disse outro dia, ‘assim caminha a humanidade’ – e como caminhamos! Sempre, apesar de tanta solidão que há no mundo, sempre procuramos no outro algo que ‘achamos’ que vai nos satisfazer. Mas nem sempre somos correspondidos em nossas expectativas. E logo aparecem as decepções.

Outro dia li que devemos procurar em nós mesmos o nosso outro eu! Fiquei a pensar e concluí que é pura verdade... Se não nos encontrarmos, como vamos nos encontrar no outro o que queremos? Assim, precisamos ser independentes – e cada vez mais e fazer da solidão uma amiga aventureira. Aventureira no sentido de dar a ela (e a nós) oportunidades de ‘ausentar’. Explico: hoje preciso de espaço para estar só; amanhã preciso de espaço para estar com o outro – e assim levando a vida... Ou, como diz a canção ‘Deixa a vida me levar’, que Zeca Pagodinho entoou muito bem: ‘*Eu já passei / Por quase tudo nessa vida / Em matéria de guarida / Espero ainda a minha vez / Confesso que sou / De origem pobre / Mas meu coração é nobre / Foi assim que Deus me fez... // E deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu... // Só posso levantar / As mãos pro céu / Agradecer e ser fiel / Ao destino que Deus me deu / Se não tenho tudo que preciso / Com o que tenho, vivo / De mansinho lá vou eu... // Se a coisa não sai / Do jeito que eu quero / Também não me desespero / O negócio é deixar rolar / E aos trancos e barrancos / Lá vou eu! / E sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu... // Deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Deixa a vida me levar / (Vida leva eu!) / Sou feliz e agradeço / Por tudo que Deus me deu... // Eu já passei / Por quase tudo nessa vida / Em matéria de guarida / Espero ainda a minha vez / Confesso que sou / De origem pobre / Mas meu coração é nobre / Foi assim que Deus me fez...*’

E, finalizando, viver na solidão não é fácil, mas precisamos dar tempo a nós mesmos – principalmente quando as coisas não estão dando certo. Então, o melhor remédio de quem vive só – ou está aprendendo a viver só, é: nunca deixe a solidão te tomar totalmente, dê a ela – e a você – o direito de se ausentar. **(21/02/2012)**

CAFEZINHO

São poucas as pessoas que não gostam de café se comparado ao outro lado. Gosto não se discute, respeita-se.

Eu, por exemplo, gosto de uma boa dose diária de café – e bem forte! Digo que café fraco é o mesmo que chá, e deste pouco aprecio.

Prefiro seguir com este vício – já me tornei um viciado, a cafeína está impregnada em meu corpo. Me consome lentamente – inclusive quando esparrama o seu aroma pelos ares.

Logo, sirvam-me o cafezinho – por favor, de preferência, servido com pãozinho à altura do mesmo.

CATA-VENTO

Não se sabe claramente a origem – pois cada site de pesquisa cita determinado lugar e isso pouco importa neste momento – mas ele está aí e deve ser usado, e da melhor forma possível. Segundo o dicionário on-line Michaelis, cata-vento é uma palavra composta: catar + vento, mas que tal catar ideias?

E, pensando assim, que tal começarmos a buscar as ideias tendo em vista um objetivo bem claro, bem delineado?

Exemplificando, estamos às vésperas das eleições e, com algumas exceções, os políticos de plantão possuem um objetivo bem claro: angariar a maior quantidade de votos para vencer o pleito. E nós, dentro da Educação, o que queremos? Ou, como venceremos? Como cataremos estas ideias tornando-as um objetivo alcançado ao final de cada etapa?

Na Educação temos dois lados, a princípio. De um lado temos o aluno, do outro o professor – ou seja: famílias preocupadas com o melhor aprendizado de seus filhos e, pelo outro lado, a escola buscando oferecer o melhor a estas famílias. Todos buscando o melhor preparo do cidadão que em breve atuará no mercado de trabalho.

Partindo para uma breve reflexão: este aluno, o nosso aluno, o que nós temos em mãos, será que está preocupado com seu aprendizado? O leitor pode pensar que este escriba não conhece a situação, mas posso afirmar claramente que vivencio a situação de perto há mais de duas décadas e vejo, gradativamente, o desinteresse destes em relação aos estudos – conseqüentemente, temos cidadãos despreparados para enfrentar o mercado de trabalho e isso agrava sistematicamente a nossa vida – pois somos parte de uma sociedade que, independente da classe social, precisamos uns dos outros.

Continuando a reflexão, mas vista pelo outro lado – a família: nota-se a preocupação destas pelo melhor aprendizado destes futuros cidadãos que entrarão num mercado de trabalho competitivo. Posso afirmar que estão preocupados sim, mas não sabem como manipulá-los para que se preocupem mais com o melhor aprendizado e, conseqüentemente, um futuro mais digno.

Agora surgem as perguntas que não deixam as mentes mais prodigiosas sossegadas: como mudar tudo isso? Como entrar na mente do educando e, pelo menos, fazê-la pensar de forma diferente da atual? Como interagir junto à família para que esta consiga melhores resultados? Como a escola – que auxilia no preparo deste cidadão para o mundo, para o mercado de trabalho – pode contribuir? (Sem deixar de pensar que tudo hoje gira em torno de duas simples palavras: ‘*velocidade tecnológica*’.)

São perguntas que muitos estudiosos, pais e escolas fazem. Solução? Não há respostas prontas, concretas, mas somente um caminho aponta para que tudo isso funcione de maneira a produzir resultados: *uma interação maior entre as partes envolvidas*. E não esquecer que as cobranças devem ser feitas (talvez até intensificadas), mas tudo dentro de uma pedagogia onde o relacionamento entre as partes envolvidas fortaleça-se mais.

EROTISMO

Fala-se muito em erotismo – inclusive está aí um livro que está dando o que falar: “50 tons de cinza”, da autora E. L. James. Então, o que significa erotismo? Segundo o Dicio - Dicionário Online de Português – substantivo masculino: caráter daquilo que é erótico. Erótico (segundo o mesmo Dicio) é um adjetivo: que se refere ao amor; que se refere ao amor sexual, lúbrico, lascivo.

Não vou prender-me ao livro – pois no momento não é o foco aqui – há outros veículos que ao longo dos últimos dias estão escrevendo sobre (apenas fiz um puxado para o início desta conversa informal com o meu leitor – se é que tenho leitor ou leitores – creio que pelo menos uma meia dúzia, pois sempre recebo comentários sobre o que escrevo).

Fico a imaginar como devem se sentir as pessoas que, de repente, se deparam com este assunto. Devem ficar um pouco assustadas – mas, na verdade, muitos gostariam de ter liberdade para falar sobre o assunto – e sem mudança de cores faciais. Aliás, outro dia fiz um teste e coloquei um título num texto que pendia um pouco para o lado da sacanagem – incrível! Muitos acessos... – significa que podem até não comentarem abertamente, mas gostam do assunto, gostam do erotismo.

Discorrer sobre um ato erótico seria uma leitura considerada, até certo ponto, pornográfica. Mas será que é? Ou, como muitos dizem, a pornografia está nos olhos de quem vê.

ESCREVINHANDO SER PAI

Escrever é uma coisa que sai de dentro – nem sempre. Escrever é uma arte que pede trabalho. Que pede ação, e às vezes com certa urgência. Escrevinhar não é um trabalho, mas sim um fazer o tempo passar. (Note a diferença: escrever de escrevinhar.)

Aos que se apegam no ato de escrever, sempre terão a preocupação com o que escrever – os outros não. Escrevinhando é o que me proponho a fazer neste texto. Logo, se houver leitor para ele, que não se preocupe com o mesmo, pois há controvérsias.

Hoje, vinte e oito de outubro, passará a ser um marco: boas coisas me aconteceram. Ruins também, mas deixo estas para lá.

O ato de ser pai, por exemplo, é algo que me faz pensar constantemente nos últimos dias: pai no mais amplo sentido – apesar de não estar perto constantemente. Mas ser pai é algo que transcende o espaço corporal e acaba na alma – no sentido mais perfeito que possa existir no universo. Ser pai: quantas vezes é preciso?

Não saberia dizer quantas vezes é preciso ser pai, mas ser pai é um estado de graça. Uma virtude que faz delirar. Aliás – estou refletindo muito nestes últimos dias: amadurece. Amadurecer é o mesmo que poder dizer que ser pai é sentir-se seguro diante de um filho; diante das adversidades de criar um filho.

Continuaria a dizer que não saberia dizer quantas vezes é necessário ser pai – mas acrescentaria que, independente das vezes, o importante é ter o amadurecimento preciso para ser pai. Será que o jovem está preparado para ser pai? Aliás, diga-se bem: os de pouca idade: sem chance. Os de mais idade, talvez os de vinte e cinco a trinta, um pouco. Mas o ideal seria ser pai após os trinta e cinco – o diferencial será enorme.

Escrevinhando ser pai está chegando ao fim, mas com uma pergunta que não me quer fazer calar, muito menos os meus dedos pararem quietos ao lado do teclado: quem, nos dias de hoje, está preparado para ser pai? Ou, quem fez uma escolinha, diplomou-se para ser pai? Mas, antes de dar a resposta (e não há resposta) – e no início disse que as palavras aqui hoje sairiam contraditórias – ficarei pensando sobre o assunto. **(28/10/2011)**

EU MESMO

É muito interessante quando eu penso em ‘eu mesmo’ – fico a desejar-me cada vez mais. Outro dia li num texto o que Shakespeare escreveu: “Ser ou não ser, eis a questão.” – e pensei: sou ou não sou?

Pois bem que se diga: é a questão. Especialmente, nos dias atuais, fico a pensar sobre muitas coisas; penso no que já passei e deles tento tirar o melhor proveito; quanto ao futuro: já nem sei o que pensar. Mas como será o futuro? Como será o meu futuro?

O passado já é sabido. Já é história. Há partes boas, há partes ruins. Vários livros podem ser escritos a partir do que já vivi. O que mais me perturba é o futuro – que não pertence a mim, mas passo a imaginar. Tenho o poder de imaginar, de criar – e nada mais.

Digo eu mesmo, mas o que relato aqui pode pertencer a qualquer um – basta querer. Querer – é a palavra de ordem.

No futuro, talvez, o que hoje é ilusão, passará a ser real. E a exemplificar: carros voadores (para isso o nosso trânsito precisará de mil por cento de ajustes!), homens voadores. Ah, e não posso esquecer que, se eu tivesse poder, criaria uma biblioteca flutuante, com livros falantes – onde seus personagens se interagissem com os leitores (como já escrevi sobre o assunto).

E tudo isso fica aqui a martelar-me. E são as marteladas que, com toda certeza, movem o mundo – ou, movem os meus pensamentos; os nossos pensamentos.

EU SAFADO?

Muitos me perguntam, aliás, quase que afirmam que sou safado. Fico aqui a imaginar o porquê de tudo isso. E não consigo entender e me pergunto: sou safado? E, antes de qualquer conclusão, vou às reflexões.

Aliás, meus amigos deveriam perguntar a si mesmos se algum dia os ‘cutuquei’ com vara curta – e as minhas amigas também.

Mas, voltando ao assunto – creio que não sou o tanto que gostaria de ser. Começando pelo lugar em que trabalho: caminham-se para vinte e dois anos e nenhuma reclamação quanto a isso; no trabalho adoro brincar com os amigos e amigas, mas logo em seguida digo: desculpe, é brincadeira – aliás, outro dia até brinquei com uma amiga sobre ela pegar o número do celular da outra (e fiz durante uma semana), mas no final disse que apenas estava brincado e expliquei a ambas; no círculo de amizade sou o mesmo – evito confronto direto; e assim por diante.

Aprendi nestes poucos anos que tenho sobre a Terra (gostaria de alcançar, pelo menos, o dobro) que mais vale a amizade que qualquer coisa. Até já comentei com amigos mais novos – os que estão iniciando neste ramo que estou (mas que serve para qualquer outro ramo) – que onde se ganha o pão o melhor a fazer é não comer a carne. Repito – não é proibido, mas é complicado em caso de não dar certo depois.

Lembrando disso, outro dia brincando com determinada amiga sobre o fato citado acima, levei o nome da ‘cachorrão’, e atrapalhadamente disse: “Você não pode dizer isto de mim, pois não lati para o seu lado” – ainda bem que não saiu assim: ‘*Você não pode dizer isto de mim, pois ainda não lati para o seu lado*’.

Mas, a vida é feita de altos e baixos, e por sinal hoje está em baixa – parece que estava pressentindo desde o momento que me levantei. E escrevi logo de manhã para não esquecer. E, como disse Machado de Assis: “*Ao vencedor as batatas*” (Quincas Borba).

E, fechando estas linhas, concluo que não sou safado o quanto gostaria de ser. Safado no sentido de ser mais ousado, mais atirado – ter, talvez, menos comprometimento me levaria a ser mais ousado (e é isso que muitas vezes me deixa sem ação diante de certas circunstâncias). Parando e pensando... (29/10/2012)

FRED

Subiu, lentamente, degrau a degrau – treze, para ser exato. Caminhou quarenta e nove passos, parou. Retirou a chave da bolsa, girou-a na fechadura.

Dentro do pequeno apartamento colocou a sacola de saco sobre a mesa. Abriu a pequena geladeira – tomou água. Da sacola retirou algumas compras do supermercado, colocou-as no lugar.

O pequeno Fred, de pelos macios, apenas levantou a cabeça e fez uma tentativa de miar – continuou sobre o puf que lhe servia de aconchego. Sabia que não tinha lugar melhor para ele naquele apartamento de poucos metros quadrados: sala-cozinha, banheiro, quarto.

No quarto, sobre a cama, estava ela. Olhar vidrado, cabeça altiva. Parou na porta, trazia o pequeno Fred no colo que, ao vê-la, soltou um miado e seus pelos se ergueram.

- Fred, não se assuste. Não se acostumou com ela ainda?

Fred, como a entender, deixou seus pelos abaixarem e miou, novamente, baixinho.

- Isso! Bom menino! Um pouquinho de ração é o que você merece.

Na sala-cozinha abriu uma lata e retirou alguns grãos de ração e estendeu-os a Fred que, animadamente, os comeu.

No banheiro, tirou a roupa, abriu o chuveiro e mergulhou embaixo por quase duas horas. Ao retornar ao quarto – depois de longo tempo – encontrou Fred ao lado dela – de olhar petrificado, apaixonado – assim como ela: boneca, com cabeça em porcelana, estendida sobre a cama, que herdou de mãezinha. (12/08/2011)

ISOLAMENTO

Nas minhas peregrinações nesta face de terra, privo-me neste momento: escolho por isolar-me – mesmo que temporariamente – em um mundo que passo a criar; e, ao mesmo tempo, conduzi-lo.

Às vezes se faz necessário um período de afastamento das massas. Se faz necessário para, possivelmente, se encontrar. Muitos estudiosos pregam que o ser humano precisa de um momento só para si; outros pregam que o ser humano busca no outro o seu completar, mas não acha – se frustra; e outros pregam que o ser humano só é feliz ao lado do outro. Tenho lá minhas dúvidas destas hipóteses. Se me perguntarem qual a mais correta, seria sincero em dizer ‘não sei’. E não sei mesmo!

O isolamento faz o ser humano refletir sobre o seu jeito de ser, de pensar, de agir, de sentir; é estranho ver a vida assim, mas se faz necessário. Repito: o isolamento faz o homem sair à busca de seu ‘eu interior’; à busca de sua essência.

Na busca dessa essência, na busca de si mesmo – muitas vezes tropeça, mas levanta, pois, acredita que pode alcançar o seu objetivo – e ainda bem que acredita em si, em seu potencial – mesmo que os outros de sua espécie não lhe dê crédito. **(01/09//2012)**

ISSO É BRASIL – A CULPA É DE QUEM? DE QUEM NÃO COMPARECE!

Incrível que pareça – que me desculpem os que aqui não têm culpa. Mas é um caso a se pensar, melhor, a agir. E ontem aconteceu novamente.

Para os mais desavisados, ontem aconteceu a posse de dois acadêmicos na Academia Araçatubense de Letras (AAL): Antônio Luceni e Emilia Goulart – e, adiantando neste texto: PARABÉNS!

Mas o que mais me pesa é ver que, na maioria das Reuniões e Eventos Literários, os que comparecem são sempre os mesmos. Aliás, que é uma VERGONHA, apenas oito dos vinte acadêmicos estavam lá prestigiando o evento (o que para mim não é novidade, mas tenho que falar). Onde será que estavam os outros?

Alguns, é claro, são doentes, acamados, mas outros são jovens e não comparecem – por quê? O que será que acontece? Onde será que estão? Será que possuem tantos compromissos assim? – e quase o ano inteiro?

Fico cá com meus pensamentos: como podem dizer que pertencem a uma determinada classe privilegiada se não comparecem aos eventos literários? Este ano, como membro do Grupo Experimental, da Academia Araçatubense de Letras, como membro da UBE – União Brasileira de Escritores, como membro efetivo da Academia Virtual Brasileira de Letras (ocupante da cadeira 199, desde 2002) estou me esforçando para comparecer aos eventos – e faltei a poucos, inclusive larguei certos compromissos para estar e fazer presença. Agora, e os que estão eleitos? Apenas querem o ‘fardão’, ou querem atuar?

Ontem mais uma prova de amor às letras: dois membros passaram para o outro lado (por problemas pessoais) e novos membros entraram – e membros atuantes. Antônio Luceni é uma figura ímpar: está presente nos eventos, participa de ações literárias pela cidade; Emília Goulart também. Fomos, digo – Araçatuba, os araçatubenses, privilegiados pela escolha de pessoas atuantes.

Logo, gostaria que os membros que não participam efetivamente dos eventos lessem este simples texto de desabafo – como cidadão araçatubense, como colaborador das letras araçatubenses, que refletissem e passassem a participar – só assim se constrói uma cidade literária com maior eficácia. (29/06/2013)

MEUS ÓCULOS ESCUROS ME FIZERAM VER

Não tinha muito a fazer nesta tarde ensolarada de segunda-feira (o dia que eu tenho menos aulas), resolvi sair e visitar o centro da cidade, preferencialmente o ‘shopping dos pobres’.

Para quem não sabe, o shopping dos pobres aqui em Araçatuba chama-se “Camelódromo” – e até tem um nome, mas não recordo no momento! Lá você encontra quase tudo, exceto comida (mas dizem determinados políticos que farão em breve o ‘lanchódromo’). E lá fui eu.

Saí com o propósito de comprar uns óculos escuros – não queria de grau porque não me faz bem (ainda mais para mim que só enxergo com um olho!) – e se quisesse deveria ir a um oftalmologista. Rodei algumas lojinhas e encontrei o que eu queria, aliás, da maneira como ‘imaginava’ querer. Provei, gostei, levei. E a lojinha que visitei é de um velho conhecido meu – um senhor já de ‘certa idade’ (muito simpático, às vezes) – e que tem três belas damas no atendimento.

De posse do objeto – claro que saí com ele – questionei sobre os Cds MP3 que sempre pego com eles, – e que no momento não via nenhum disponível. Resposta imediata de uma das damas: “Hoje não temos Cds.”

Engraçado! Muito engraçado! E respondi: “No mínimo hoje tem fiscal no pedaço.” Ela começou a sorrir e ainda brinquei: “Que legal! Eles avisaram... E quanto levaram nessa brincadeira?” – claro que sabemos que ‘eles’ nada levaram!”

Por isso, de hora em diante, usarei constantemente os meus óculos escuros comprado no ‘shopping dos pobres’ – assim não terei problema de visão, ou de não ‘ver com olhos internos’ determinadas coisas que por lá acontecem (e por outros lugares também).

NÃO É FÁCIL

Às vezes, quer dizer: nem sempre. Mas na maioria das vezes a vida nos é cruel – ou, somos com ela – não sei explicar. Aliás, nem gostaria de saber, muito menos de explicar. Por isso não é fácil.

As pessoas não pensam como é difícil dizer um ‘adeus’ – aliás, não é fácil. Outras vezes temos que ser forte o suficiente para aguentar: rosto descontraído – coração amargurado! Que oposição fatal! Mas, de repente não surge uma luz no fim do túnel.

O ser humano aparece, às vezes, do nada – e aparece como luzes no caminho. Mas, de repente argumenta: não posso mais ficar! E, simplesmente, não fica. Apagam-se as luzes. E eu fico! Fico aqui a pensar: o que fazer? Aliás...

Aliás, pensando bem mesmo: nada posso fazer – a vida tem o seu curso, tem os seus momentos, tem as suas ‘lembranças’ – que apenas ficam! E como ficam! Mas, será? Será que um dia essas lembranças voltam? Será que um dia essas lembranças voltam...

Sou apenas um escrevente das coisas que espero estar pensando, que vivo – que presencio. Nada mais! Nada mais que isso! Mas... Não é fácil!

Não é fácil ver uma porta se fechar. Aliás, por que as portas se fecham de maneira estranha? Ou, simplesmente, eu não sei e não consigo entender o motivo. Pior: as pessoas se vão sem olhar para trás... Fico a pensar: onde se está o erro? Melhor é não achar o erro! Ou, o errado.

Mas – repito: não é fácil! Ao som de uma clarineta em dó, madeira de lei, 1982 – mentalize: *‘Ela é a dona de tudo / Ela é a rainha do lar / Ela vale mais para mim / Que o sol, que terra, que o mar // Ela é a palavra mais linda / Que um dia o poeta escreveu / Ela ‘passou’ a ser o tesouro que o pobre / Das mãos do Senhor recebeu // Mulher, mulher, mulher, / Eu te lembro...’* – prefiro parar por aqui, pois o parodiar não sairia tão bem.

Não sei nem mais o que escrever – prefiro, então, parar logo a seguir, possivelmente no próximo ponto para não desafiar as leis cerebrais que me cercam! (23/10/2011)

NOITE DE DOMINGO

Hoje, noite de domingo. São exatamente 23h e 30 minutos, estou começando a escrever e não me estenderei por muito tempo: apenas o que eu acho necessário. Necessário, é claro, do meu ponto de vista. E tem mais: amanhã acordo cedo.

Como comentei nesta manhã sobre anjos – e ele me acompanhou. Aliás, os anjos me acompanharam. Fui nesta noite de domingo à igreja (reunião social / conforto – pela visão minha atual, de 2024) – e realmente estou mais leve: estou consciente de que Deus é Pai Criador, mesmo estando em desobediência com Ele. (E tenho certeza de que Ele vai me corrigir, pois escrito está ‘Que o pai corrige o filho que ama’ – mesmo que sofrendo um pouco.)

Quero nas poucas linhas deste texto agradecer ao Criador pelas maravilhas que Ele faz a partir do que eu creio – e de joelhos ao chão hei de agradecer sempre! E acrescento: eu acredito nas transformações que Deus faz, pois somente Ele tem o poder de criar oportunidades para que o próprio homem se regenere; somente ele coloca anjos em nossa frente para nos guiar – de volta – ao caminho que leva a Deus (?) – e consciente de que Igreja não salva, mas sim a fé que depositamos no Criador.

Agora, em particular – mas que vai ficar público: *“Anjinha morena que está no meu caminho – você foi o melhor de tudo que me aconteceu nestes últimos seis meses...”*

NOITES LONGAS EM CURTOS DIAS

Muitas pessoas pensam que parte da humanidade vive à toa na vida, mas nem sempre estão à toa – estão, talvez, a pensar. Alguns estão em repouso médico – podem ter passado por cirurgias. Fiz uma... e a partir da cirurgia o doutor deu-me apenas trinta dias de repouso absoluto: o pior que não posso andar de carro, nem de moto (dirigir/pilotar). Volto a trabalhar dia onze de julho – e apenas um dia; dia doze de julho: férias. Então, o que ando eu a fazer?

Vejamos: todos os dias assistir televisão? Deus me livre (que é o nome de um livro)! Eu não aguento certos programinhas da tarde. Se for dormir – à noite viro vaga-lume (e não deixo ninguém dormir!). O que estou sempre a fazer é entrar na NET. Esse sim, você pode escolher o que quer ler – e por dizer em ler, há muitas coisas boas a ler. E vamos a algumas leituras que sempre faço.

Entro para ler o que publicam minuto a minuto no Recanto das Letras – lá pode-se encontrar bons textos (inclusive a minha sopinha de letrinhas – que, às vezes, sai bom caldo). No Recanto das Letras você encontra belas poesias, contos, crônicas, artigos, matérias escolares – vale muito ler! Ah, também têm os contos eróticos – e você sabia que ler determinados tipos de textos emagrecem? Tais como os contos eróticos, romances de ação... Adrenalina sobe!

Além de ler o que publicam lá, passo por outros cantos. Gosto também de ler determinados perfis femininos em sites de homens e mulheres que se procuram. São tão maneiros que gostei da ideia – cada descrição!

As mulheres – em grande parte – separadas, divorciadas, sozinhas na vida! E o mais interessante é que a grande maioria se acha – e estão certas de se acharem, pois como sempre digo: “Sou bonito!” – riem de mim, mas se eu não me achar, quem vai achar por mim? Continuando – e não são poucas que por lá aparecem e que se acham... Mas, salvo poucas, há algumas que se mostram ser mais humildes – penso eu cá: será que não é apenas tentando ‘tapar o sol com a peneira’ – como dizem?

Sempre comento onde trabalho que cada um é cada um: mais magrinha, mais gordinha, mais altinha, mais baixinha, rostinho mais ‘cheinho’, menos ‘cheinho’, olho claro ou escuro – todos são filhas de Deus... O pior de tudo é o interno!

Continuando: os perfis são geniais! Alguns atrativos demais – modo de se dizer: muita carga para um caminhãozinho só! Sem falar nas fotos – alguns sem fotos, outros com até três fotos... Vou parando hoje por aqui e prometo no próximo dia ‘puxar’ alguns perfis, misturá-los e fazer uma mulher perfeita... O que acham? (Claro que vou também tentar fazer o contrário, pois se assim não o fizer, não sou eu!) – um grande abraço aos que me veem direto na NET, pois o meu MSN fica ligado automaticamente – que é mesmo endereço do e-mail.

O ESTRANHO (- REFLEXÃO)

Seria estranho falar de um estranho, mas assim que me denomino: “O Estranho”. Apesar de ser estranho, mas começo a me identificar neste primeiro parágrafo. Não sou considerado por muitos uma ser normal, mas ao decorrer deste texto creio que poderão tirar suas próprias conclusões – e eu mesmo tirar minhas conclusões, expô-las aqui, não será nada normal – será totalmente estranho!

Apesar de todos os pesares, continuo eu mesmo – em carne, osso e pescoço. Que expressão estranha, não? Mas para “O Estranho”, nada é estranho, mas para os poucos leitores, onze ou doze, é considerado uma expressão estranha.

Ler livros, escrever à toa e outras coisas mais, isso não é estranho. O estranho é ter a necessidade de escrever, de passar horas dentro do mundo das letras. Tamanha estranheza não é ‘dom’ para todos, mas para poucos. Redigir textos nunca foi o meu forte, digo até tempos atrás. Agora tenho que escrever todos os dias – e haja assuntos, mas sempre tenho assunto, por mais estranho que pareça. E hoje resolvi escrever sobre mim, “O Estranho”. Mas esse estranho – que sou eu, não sou eu, é “O Estranho”.

Desde criança leio – não muito, mas leio. Quando entrei para a Faculdade senti maior necessidade ainda de ler. Fui ler. Estou a ler, sempre vou ler. E ler é o melhor a se fazer, ainda mais quando se é dado como ‘um estranho’. E “O Estranho” tem muito tempo para ler, tem as tardes livres... Quase todas. No mínimo de três a quatro horas por dia! Estranho, não?

Às vezes, “O Estranho” passa horas na net a ler textos – não sei como certas pessoas têm coragem de publicá-los! Então, não sou eu apenas estranho. Determinados textos não têm ‘pé nem cabeça’ – apesar de textos não terem ‘pé nem cabeça’, pois possuem apenas letras. Estranho! Muito estranho! Muito estranho mesmo! Imagino – assim lendo – que determinadas pessoas precisam se expressar, e é essa a necessidade de mostrar ao mundo o que sente, como se sentem que as tornam estranhas. Aliás, elas são ‘normais’, mas seus textos não. Logo, elas também não! Estranho!

Coloco-me muitas vezes no lugar dessas pessoas. Eu, “O Estranho”, a fazer crítica do que certas pessoas escrevem. Eu também não escrevo lá muitas coisas, mas pelo menos tento ser, ou escrever, da melhor maneira possível. Não estou aqui a deferir setas para todos os lados, mas isso é um fator preocupante dentro de qualquer sociedade. Sem falar que muitas vezes assassinam a língua! Muitíssimo estranho!

A palavra, para “O Estranho”, não é estranha. A palavra é arte. Arte das mais puras sensibilidades. Escrever, como já citei em algumas ocasiões, é arte. E como é difícil escrever quando não se tem inspiração! (Porque precisa de trabalho para escrever.) É estranho.

Mas para “O Estranho” brincar com as palavras, com as frases, orações, períodos, parágrafos, textos... faz parte do seu dia. E já não é tão estranho como era antes. E para quem conseguiu ler até aqui – que é estranho! – dou os meus votos de aplausos, pois conseguiu descobrir um pouquinho mais de mim, do “O Estranho”. Entre esses conhecimentos: de saber que “O Estranho” gosta de ler bons textos, e, todo texto que lê faz uma crítica, mas guarda-a para si – os comentários apenas no geral. Estranho, não?

O GOSTO PELA COISA

Há pessoas que não têm gosto pela coisa – e outros, pelo contrário: gostam até passar da conta, mas nada que um justifique o outro. O importante é gostar – a medida fica ao gosto do freguês, como diriam os da banda de lá.

E o gosto pela coisa é tão interessante que alguns até se lambuzam. Outros, com aquela mãozinha leve, quase nem tocam na coisa. E a coisa está lá para ser tocada – isso que é o mais intrigante: por que uns tanto, outros nem tanto?

E fico aqui a pensar diante desta tela fria, diante deste teclado já muito batido, por que tamanha diferença no querer? Guimarães Rosa disse que: “(...) o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos.” – também penso assim, mas como fazer com que estes adolescentes que frequentam a escola tomem gosto pela coisa que chamamos de leitura?

Pararemos em que lugar? (Já estamos parados!) Ou, melhor, como poderemos sair dos últimos lugares da lista que temos conhecimento nos últimos anos? Como alcançar, pelo menos, o meio do caminho? Carlos Drummond de Andrade escreveu: “*No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / tinha uma pedra / no meio do caminho tinha uma pedra. // Nunca me esquecerei deste acontecimento / Na vida de minhas retinas tão fatigadas. / Nunca me esquecerei que no meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / no meio do caminho tinha uma pedra.*” – como esquecer?

Aquele que exerce realmente a profissão de ensinar fica certamente desapontado por ver tanta falta de comprometimento – e de todos os lados da sociedade, desde a família até os três níveis de poder que temos, com raras exceções – e fica a pensar: até quando, meu Deus? **(01/10/2012)**

O ILUSTRE

Chamavam-no de Ilustre Morador. Poucos o conheciam, ou de poucos eram conhecidos. Não se sabia ao certo de onde viera, apenas era sabido que estivera três dias antes na cidade a procura de casa. Visitou três imóveis, gostou do último, pagou em dinheiro corrente, dirigiu-se ao cartório, fez a papelada.

Três dias após a compra um pequeno caminhão baú encostava e descarregava os móveis que agora ocupava o imóvel.

A casa – nem tão pequena assim para o Ilustre Morador (no jardim, logo após os móveis serem introduzidos no imóvel, aparecera uma placa com os seguintes dizeres: Ilustre Morador) – vivia quase sempre de janelas fechadas, raramente se via uma aberta. O Ilustre Morador dirigia-se mensalmente ao supermercado, ao único banco da cidade; trocava poucas palavras nestes lugares. E era sempre chamado de Ilustre Morador.

Ao longe tudo observava.

A cada quinze dias um veículo dos Correios parava na frente do imóvel – e não dava nem tempo do chofer apertar a campainha, pois o ilustre Morador abria o portão, e recebia e entregava um pacote. Era uma troca rápida, sem palavras entre os envolvidos. Sem documentos assinados.

O Ilustre Morador saiu em seu portão apenas e exatamente a metade de um cento, mais um, para não voltar mais – superstição!

Dias depois uma placa de ‘aluga-se’ fora fincada no jardim. **(11/08/2011)**

O JOGO

Jogar seria – se muitos não o achassem irregular – uma forma natural de se ganhar e, ao mesmo tempo, perder.

Mas, indiferente das opiniões, até os que criticam, jogam – às vezes. Aliás, muitos passam a vida jogando.

Jogam para ganhar, mas nem sempre é assim. A própria vida faz o jogo e aprendemos a perder (dos erros também se aprende e, às vezes, até mais). E na contínua batalha de jogar, continuaremos a jogar – mesmo sabendo que ganhamos e perdemos. Aliás, é a vida! **(01/09/2012)**

O NOME DELA NÃO É...

As conversas são coisas que prendem um ser ao outro. Talvez seja pelo clima que se estabelece: principalmente quando este é amigável.

Mas o que me angustia é não saber o porquê de muitos casais passar a discussões constantes depois de certa altura de convivência. Por quê?

Aliás, creio eu, são tantos os porquês que poderiam – as palavras – encher várias páginas apontando os problemas e, de certa forma, possíveis soluções.

As conversas, no início, fluem (e não é um jornal famoso), mas depois parecem que emperram – semelhante às portas velhas. E por aí se tira o restante: complicado ao extremo. Às vezes, ninguém quer ceder – é o primeiro apontamento. Entre outros tantos.

Vamos dizer – quem já passou por isso: tudo é flor, depois labor. E, certos labores, quando não bem definidos, acabam no que já é conhecido: indiferenças, desavenças, dissabores.

Logo, o nome dela não é o que todos imaginam que é – acho que até o melhor poeta, pensador, filósofo – ou egoísta mesmo – conseguiu dar nome. Prefiro ficar na pendência com o leitor – e, desculpe-me por não dar também nome a ela – você decide! **(01/11/2011)**

O PIPOQUEIRO

A escola situada num dos bairros nobre e quase central da cidade, possuía nome de índio. “Índio Poti”. Na certa não sei devidamente o porquê de levar este nome, mas com certeza em homenagem a algum personagem indígena.

De boa aparência estrutural, o prédio não demonstrava perigo aos que por lá conviviam as suas horas de estudo, antes, dava prazer. Os mestres, grandes mestres por lá passaram. Lembro-me bem dos de Linguagem, tanto de Português (que foram vários) como a única de Inglês – que não me sai da mente: uma senhora alta, bem robusta (carinhosamente falando), de belo sotaque, mas que não prendia a minha atenção – esta era a dona Clarice. Os de língua paterna lembro-me de quase todos, a começar pelo meu xará, seu Pedro (Pedrinho – como sofria com a surdez!), dona Wanda – uma pequena grande em delicadeza e seu Tito (que merece escrito à parte); sem esquecer seu Joaquim – uma grande figura que ora na sala de aula, ora na função de diretor, atentava às peripécias da turma.

Mas com grande significação ficou gravado aqui na minha memória a figura ilustre do pipoqueiro – o senhor Marcelo, o vendedor do doce mais doce! Os longos oito anos que por lá passei acompanhou carinhosamente com seu carrinho vermelho, limpinho, pipocas quentinhas... Na entrada, ao lado da esposa, a atenção sempre voltada aos pequenos. Uma única e pequena abertura no portão principal fazia suas mãos ágeis servir-nos (e éramos muitos!), mas poucos minutos de descanso entre as aulas era o suficiente para aquelas mãos ágeis nos deixar doces! E como era bom os doces! Doces!

Os anos passaram e não sei se vive – naquela época já tinha muitos cabelos brancos o senhor Marcelo; mas toda certeza ainda vive aqui na mente e coração a figura ilustre do pipoqueiro, do senhor Marcelo! (13/08/2002)

O SORRISO ENIGMÁTICO

Estou estudando um pouco a arte. Aliás, como sempre digo: a imagem me fascina – e me fascina a tal ponto que vejo nas pessoas um pouco de um sorriso enigmático. Lendo algumas destas artes – arte é leitura, deparei-me com o sorriso enigmático de Mona Lisa.

Em Mona Lisa, ou La Gioconda, o pintor italiano Leonardo Da Vinci utilizou de Sfumato: técnica artística usada para gerar gradientes perfeitos na criação de luz e sombra de um desenho ou de uma pintura – e mostra uma mulher com expressão de indiferença. Talvez o retrato mais famoso da história da arte. E, assim sendo, parto-me para o presente: ao andarmos nas ruas deparamos-nos sempre com sorrisos enigmáticos.

O sorriso enigmático me fascina também. Você, caro leitor, deve estar pensando: ‘Daqui a pouco ele vai dizer que outras coisas também o fascinam!’ – verdade seja dita: muitas coisas me fascinam. E sorriso: quantas coisas traz – quantas?

Fico a pensar nas pessoas com sorrisos maravilhosos – em especial uma: quando ela sorri parece-me (não, tenho certeza) que os céus se abaixam e ela, em forma de anjo, alegre a alma dos que lhe assistem. Agraciados os que a assistem. Um sorriso angelical, mas ao mesmo tempo, enigmático. Enigmático no sentido, possivelmente, de: nossa! Assustei-me com as coisas que vieram-me à cabeça, mas que os dedos recusaram a digitá-las.

O olhar penetrante dela, quando apresenta serenidade, é crucial. Crucial no sentido de ‘esconder’ algo – algo que tenta-se descobrir. Talvez nem Da Vinci conseguiria pintar tão bem quanto ela se apresenta. Imagens são imagens. Realidade – nada mais do que ‘ao vivo’. E em belas cores!

E, pensando no sorriso enigmático das pessoas, em especial desta citada por mim – mas que ao mesmo tempo guardo aqui dentro o nome – fazendo, ou traçando um paralelo com a obra de arte, nada se compara ao que ela traz aos que a assistem. E estes, por vezes, podem se dizer: ‘Somos agraciados com este belo sorriso, mas ao mesmo tempo enigmático.’ E eu diria: como é enigmático! E ainda acrescento: será que vai permancer, assim como a Mona Lisa, enigmático por muito tempo?
(01/10/2011)

OBSERVAÇÕES

Falando ainda em roupas: outro dia fui à Solenidade de 20 anos da AAL – Academia Araçatubense de Letras e, por chegar fora do horário devido ao trabalho, sentei-me próximo à saída – nos últimos lugares.

O lugar era propício para observar todos que, lentamente, iam deixando o local. Entre os que lá prestigiaram o evento – próximo de mim – levantou uma dama toda espalhafatosa (isso do meu ponto de vista), aliás, a roupa que usava. Esta era cheia de ‘latinhas’, se assim posso dizer – snif, snif! O farfalhar seguia seus passos. Nossos olhares voltaram-se imediatamente para a dama.

Uma amiga ao meu lado comentou:

- Pensei aqui comigo: duvido que o Pedro não vai olhar!
- Também, desse jeito, quem não olharia? – comentei.

Engraçado como as coisas são: são observações que rendem rabiscos à toa somente para não ficar sem escrever – hábito. São rabiscos nestas linhas imaginárias nesta folha branca papel. **(03/12/2012)**

OUTRO DIA

Outro dia... Realmente sempre passamos para o 'outro dia' – e nem sempre conseguimos tempo suficiente para realizarmos o que gostaríamos... E, com certeza, diriam bem isso os que já se foram de entre nós!

E pensando um pouco sobre isso, resolvi rabiscar algumas linhas. Será que realmente pensamos no amanhã? Se realmente pensarmos, não deixaríamos nada para o amanhã – que pode ser tarde!

Mas temos, quando criança, algumas metas a serem alcançadas (mesmo que involuntariamente): uma delas é logo ser adolescente, depois adulto... Depois constituir família, ficar maduro... E depois envelhecer – finalmente o que ninguém espera – mas que temos consciência, o fim de todos: a morte!

Falando em metas (e em outros dias) – criança é a melhor coisa: não tem malícia. São inocentes, de pureza e alegria no olhar. Quase tudo – quando bem-educadas – lhe servem. E quando brigam umas com as outras, minutos depois estão novamente juntas! Que dez!

Quando adolescente não sabem esperar pacientemente as ordens dos pais – querem atropelar a tudo e a todos – aliás, pais nessa época da vida só servem para ditar regras... Não é mesmo? (E quem trabalha com adolescente – como eu – sabe muito bem disso.) Quanta teimosia que na hora gera grandes irritações!

Quando mais adultos, formados, tentam buscar a formação de uma família (quando não muitos fazem antes do tempo – precocidade da mocidade!). Formam lares e que pedimos a Deus que durem para sempre (mas que haja amor – e não apenas o dever de estar juntos... – talvez por causa dos filhos ou da própria família das partes envolvidas). E desses lares, filhos, e dos filhos, novos filhos, e o círculo estará sempre feito – e desde que o homem foi posto na Terra!

Não deixe para 'outro dia' o que você pode fazer agora: então vá viajar, vá curtir o sol nascer e se pôr; ver a lua no céu, ou cobertas por densas nuvens – juntamente com as estrelas... Vá ser – ou pelo menos tentar – ser feliz momentaneamente!

OVERDOSE

Outro dia ouvi de um determinado cidadão que, pelos eventos que ele estava frequentando, estava com overdose de Literatura. Overdose literária.

Fiquei imaginando como deve ser tal situação: você tomar conhecimento de vários assuntos literários num curto período (de tempo). Em tempos maiores a assimilação já é difícil, complicada, imagine em poucos dias!

Por outro lado, fico pensando nos alunos – estes que seriam realmente os que precisavam de overdose de Literatura, aliás, overdose de estudos (de todas as disciplinas). E eles comparecem, por acaso, aos eventos? Aliás, nem os que são chamados de letrados, de literatos, comparecem! (Sempre os mesmos que comparecem... Os outros ostentam títulos, para quê?)

Sou meio contra a atitude que vou citar a seguir, mas ultimamente só está funcionando assim – e de maneira precária: se os alunos forem aos eventos recebem bonificações nas notas (e mesmo assim, como disse, estão cada vez menos alunos comparecendo através deste sistema). E vale lembrar ainda que quando vão, muitos estão de corpo presente, mas de mente ausente, longe. Então, a que ‘pé’ chegaremos daqui a alguns dias?

Vale lembrar que o conhecimento adquirido nunca mais se perderá – e nem sempre terão oportunidades de reencontrar o tempo perdido, a matéria perdida, o conteúdo dado e explicado – e de maneira gratuita. Pense! – FEIRA DO LIVRO, (01/11/2012)

PELO BURACO DA FECHADURA

Quem que nunca olhou pelo buraco da fechadura? Quem? Que atire a primeira pedra. Há certas coisas que não contamos, mas outras, contamos depois de certo tempo – ainda mais quando se tem uma coceirinha na língua.

Quando resolvi escrever sobre este assunto pensei em algumas coisas, entre elas uma martelou-me um pouco mais: o que irão pensar de mim? Pensei mais alguns minutos e concluí que, na idade que estou – que não devo mais satisfação a ninguém, que pensem o que quiserem de mim.

Os fatos já estão distantes no tempo – era eu um adolescente. Sempre penso em ser um eterno adolescente (pelo menos no espírito), mas a idade chega – e com ela as dores. E estas, tanto carnis, como espirituais – estas últimas (principalmente) de não ter realizado tudo que imaginava.

E muitas coisas se ficaram apenas pelo olhar através do buraco da fechadura. Pior que nem todas as fechaduras são possíveis de olhar – alguns assuntos, também, ficarão perdidos para sempre no tempo. Outras fechaduras são mais abertas e é possível de ver muitas coisas que ficaram por serem realizadas.

No plano material há muitos olhares pelo buraco da fechadura, ou seja, quem nunca tentou olhar o que o outro estava fazendo do outro lado da porta? Eu, por exemplo, tive uma criação muito fechada – de pouca conversa, de muita educação (hoje que sou este cachorrão!) – e por ter este tipo de criação poucas vezes cometi este delito (creio que deveria ter cometido mais vezes!).

Lembro-me que certa vez estava na casa de minha primeira namorada e ela pediu-me para aguardar que ia tomar um ‘rápido’ banho. Estava sentado numa cadeira de fios de nylon, na área do fundo da casa, e lá permaneci – mas não por muito tempo. A água do chuveiro não parava de cair – e eu de frente para a porta (fechada). Olhei para os lados: ninguém por perto. Levantei-me calmamente e espiei pelo buraco da fechadura. My God! Aquela pequena me levou à loucura! Silenciosamente voltei para a cadeira e, ao me sentar, esta escorregou um pouco fazendo barulho. Ela, ao sair, olhou-me firmemente nos meus olhos e simplesmente disse: “Eu vi!” – não disse nada, e mentalmente disse: ‘Eu também vi!’ – o tempo passou, tomamos liberdade um com o outro e certa vez o assunto entrou em pauta.

No plano espiritual o olhar pela fechadura pode levar a muitos caminhos – ou, também, pode levá-lo a rever os vários caminhos tomados. Outro dia li – não me lembro onde, os seguintes dizeres: o vidro do carro frontal é enorme (para se ver melhor o caminho), mas o vidro que dá acesso ao traseiro (retrovisor) é pequeno – pois devemos estar atento ao que se passou, mas bem aberto ao que há de vir.

Pensando em tudo isso, não se pode deixar a vida passar pelo buraco da fechadura – ou ainda melhor, muito menos ficar olhando a vida passar pelo buraco da fechadura, pois ela nos cobrará – e, possivelmente, com juros exorbitantes que não conseguiremos saldar o nosso compromisso perante a sociedade – que, por sinal, nos aflige, e muito! **(01/10/2012)**

PENSAMENTOS CRUZADOS

Com muitos assuntos fervendo em meus pensamentos chego à conclusão que escrever não é tão simples assim – aliás, meio que penoso – por assim dizer, pois o ato da escrita é uma luta constante com as palavras.

Pensando em muitas coisas para a produção deste texto – com ideias em ebulição – às vezes desconexas, resolvi escrever sobre os cruzamentos, encontros e desencontros. E, tendo em vista tal assunto – muito abrangente por sinal – por onde começar?

Eu, na dúvida, começo com a musicalidade – interpretação maravilhosa de Caetano Veloso: *‘Alguma coisa acontece no meu coração que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João’*; em minha cidade: o que dizer dos muitos cruzamentos perigosos, seguidos de ‘acidentes geográficos’ provocados pela má conservação do asfalto? Talvez no cruzamento das linhas telefônicas e se ouve muitas conversas fiadas, de negócios, de amores e desamores – mas sem saber quem fala e para quem fala; talvez no cruzamento das ideias dos professores com seus alunos – e que cruzamento! – tendo em vista a diferença de gerações; dos prosadores, dos poetas, dos românticos, dos boêmios – que sorte tiveram em desencadear pensamentos maravilhosos, e até mesmo filosóficos, como *‘Não há ninguém, mesmo sem cultura, que não se torne poeta quando o amor toma conta dele’*, de Platão; os versos inesquecíveis de Vinícius de Moraes com Tom Jobim em ‘Garota de Ipanema’; ou: *‘Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.’*, de Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas; dos políticos: *‘Certos políticos brasileiros confundem a vida pública com a privada.’*, de Aparício Torelli, o Barão de Itararé – e falando-se de política: *‘Encontrou-se, em boa política, o segredo de fazer morrer de fome aqueles que, cultivando a terra, fazem viver os outros.’*, de Voltaire. Quantos cruzamentos a citar?

Ou, talvez, no encontro da moça-donzela com o garotão-senhor-de-si – onde pode ser notada a essência da palavra do Criador: *‘Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra.’* – mas alguns fogem desta ideia, querem-na sem essência.

E, de cruzamentos em cruzamentos, tudo fica cruzado. Até as minhas palavras ficaram cruzadas. Os meus pensamentos ficaram totalmente cruzados. A vida é uma cruzada cheia de cruzamentos. Há tantos cruzamentos que nem a filosofia da vida pode explicar. Ou, o melhor é não explicar; o melhor é o inexplicável. E o inexplicável, possivelmente, move a Terra.

Continuar com pensamentos cruzados ainda é a solução para melhor se viver, pois enquanto um fio dela estiver embaraçado há mãos tentando desembaraçá-lo, mas quando o fio estiver sem nó não haverá mais mãos nele; logo: pensamentos cruzados, mentes pensando, agindo, procurando solução e, às vezes, sem solução.

PERFIS ENGRAÇADOS

Muitas vezes não se tem o que escrever, então, sair à caça de bons assuntos já é um bom começo – e na rede mundial de computadores se acha quase tudo – incluindo venda de ideias. E lendo os mais variados sites, às vezes, deles surgem uma luz no fim do túnel – ou começo do túnel: isso pode ser denominado de ‘caça às ideias’.

E um dos assuntos que muito me chamava a atenção – escrevo chamava porque hoje falta-me tempo para fazer tais passeios pela rede – é o que as pessoas traçam em seus perfis.

É tão engraçado como as pessoas traçam o seu perfil em sites de relacionamento. Acho engraçado porque, creio eu, que todos nós nos mascaramos um pouco – ou estou mentindo? (E jogue a primeira pedra quem nunca fez isso.)

Em meus textos particulares gosto de escrever sobre as damas – lá fui eu a ler o que elas falam de si. De algumas eu ri – não delas em si, mas da maneira como se descrevem. Algumas falam que possuem tanto de altura (alta, média, baixa, tampinha, anãzinha, vareta de pescar estrelas); de peso (no ideal, um pouquinho a mais ou a menos, meio gordinha, meio magrinha); pele clara, morena, morena-jambo, negra... Os cabelos são loiros, pretos, ruivos, avermelhados; lisos, crespos, encaracolados. E vão indo corpo abaixo. Passam pelos seios: pequenos, médios, grandes, fartos! (E fica o cara a ler e a imaginar...) Continuando – quadris assim, assim e mais assim. Coxas grossas, torneadas – ou razoável... Finas. E vão descendo... Engraçado!

Outras, ainda vão mais profundo: pulam para as características psicológicas: My God! É um verdadeiro ‘salve-se quem puder’ – e tudo por conta de ser o mais sincero possível! E são? E são! E são. (Será?)

Mas de tudo isso pude tirar que tentam da melhor maneira possível falar quem são – e sem falar nas fotos que a grande maioria deixa disponível: cada uma! (E, que me perdoem aqui as que não deixam, com será que são: feias, bonitas, altas, baixinhas, magricelas, fofinhas, loiras, brancas descascadas (como eu), morenas, negras? E a mente humana do lado de cá da tela a imaginar – creio que são as melhores as que não deixam retrato (assim penso eu que não saio ao encontro delas) – mas imagino. Afinal, sou meio humano e meio ET.

PESQUISA É COISA BOA

Estava em casa nesta última quinta-feira, feriado, e fiquei pensando no que escrever aqui neste espaço. Costumo, quando me falta assunto, recorrer aos muitos e-mails que recebo, ou então, ler bons textos na rede mundial de computadores e, às vezes, surgem ideias boas.

E nestas andanças – pela rede – encontrei um assunto que há muito tinha recebido via e-mail. Olhei-o atentamente por alguns instantes. Refleti – e sei que muitos conhecem, mas nem todos – mas vale reler e ter tais metas em mente.

O assunto tratava-se de uma das tão comentadas conferências que Bill Gates fez em uma escola secundária sobre onze coisas que estudantes não aprenderiam na escola e como esta política tem levado as pessoas a falharem em suas vidas posteriores à escola. Todos esperavam que ele fosse fazer um discurso de uma hora ou mais, mas ele falou por menos de cinco minutos, foi aplaudido por mais de 10 minutos sem parar, agradeceu e foi embora em seu helicóptero.

A primeira: A vida não é fácil. Acostume-se com isso. – e como é verdade! Depois de certo tempo tendo tudo em casa, os filhos quando precisam enfrentar o mundo, principalmente o mundo do trabalho, até acostumar-se é meio que pesado. A segunda: O mundo não está preocupado com a sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa útil por ele antes de sentir-se bem com você mesmo. – situação interessante, e na verdade querem muito de nós, principalmente este mundo capitalista em que vivemos, mas – e nós?

A terceira: Você não ganhará muito dinheiro por mês assim que sair da escola. Você não será vice-presidente de uma empresa com carro e telefone a disposição antes que você tenha conseguido comprar seu próprio carro e telefone. – quer dizer: temos que trabalhar muito primeiro, conseguir com o próprio suor. A quarta: Se você acha seu professor rude, espere até ter um chefe. Ele não terá pena de você. – e eu, que sou professor de ofício, vejo o quanto os alunos acham-nos ruim quando chamamos a atenção – mas sempre para o bem, sempre alertando. E como somos considerados rudes!

A quinta: Vender jornal velho ou trabalhar durante as férias não está abaixo de sua posição social. Seus avós têm uma palavra diferente para isso: eles chamam de oportunidade. – refletindo: desde os meus vinte anos sempre tive dois trabalhos, e nunca me envergonhei deles; das férias: poucas vezes tive. A sexta: Se você fracassar, não é culpa de seus pais. Então não lamente seus erros, aprenda com eles. – cada um é dono do seu caminho; pai ou professor ensinam o caminho, mas o trilhar cabe a cada um.

A sétima: Antes de você nascer, seus pais não eram tão críticos como agora. Eles só ficaram assim por pagar as suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são "ridículos". Então antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente limpar seu próprio quarto. – e muitos, ao levantar, nem este último item (arrumar o quarto) o fazem, e querem cobrar dos pais o que eles próprios não fazem. A oitava: Sua escola pode ter eliminado a distância entre vencedores e perdedores, mas, a vida não é assim. Em algumas escolas você não repete mais de ano e tem quantas chances precisar até acertar. Isto não se parece

com absolutamente nada na vida real. Se pisar na bola, está despedido, rua! Faça certo da primeira vez. – a democratização do ensino nem sempre é bem executada.

A nona: A vida não é dividida em semestres. Você não terá sempre os verões livres e é pouco provável que os outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim de cada período. – logo, pense. A décima: Televisão não é vida real. Na vida real, as pessoas têm que deixar o barzinho ou a boate e ir trabalhar. – trabalhar, e muito, se quisermos alcançar os objetivos que nos propomos alcançar. A décima primeira: Seja legal com os CDFs (aqueles estudantes que os demais julgam que são ridículos). Existe uma grande probabilidade de você vir a trabalhar para um deles. – aliás, pense, e muito bem pensado, no amanhã.

Encerrando os comentários: primeiramente temos que lembrar que estamos num mundo capitalista e que cada vez mais exigem de nós, caso não queiramos fazer – lá fora há dez (ou mais) esperando o nosso lugar, portanto, pense em você e faça o melhor possível.

PROPAGANDA

Propaganda – como dizem, é a alma do negócio. Não só, mas também. E, pensando assim, logo sabemos que precisamos fazer as nossas mercadorias aparecerem no mundo dos negócios.

E cada empresa apela para os instrumentos que possui em mãos, como faixas, catálogos, anúncios em rádio, televisão, internet, jornais, revistas – e o principal: através da boca, como dizem ser a melhor propaganda.

Pensando em tudo isso, a imagem ainda prevalece, por isso quanto melhor qualidade esta tiver, maiores resultados podem trazer.

Estava a observar algumas empresas nestes últimos dias e notei que poucas fazem anúncios – tendo em vista o grande número de empresas que se abre anualmente. Fiquei a pensar: por quê? Vou continuar pensando e, se possível, pesquisar sobre.

QUE POLÍTICA É ESTA?

MINHA INDIGNAÇÃO COM QUEM TRABALHA COM CULTURA...

Esta semana o assunto ferveu aqui na cidade. E não é por puro exagero, mas por um fato a ser pensado. Digo fato a ser pensado porquê apenas vou comentá-lo a partir do meu ponto de vista – e não do ponto de vista legal, pois neste último citado não compete a mim – mas deixo claro que, se na Legislação em vigor (e no Estatuto da Entidade) tiver esta brecha, é muito maior ainda o fato a se pensar.

Esta semana passada a cidade de Araçatuba passou pela vergonhosa disputa da nova Presidência do Conselho Municipal de Cultura. E você, caro leitor (deste site), imagine o que é ser fiscal de si próprio? Pois bem – é o que ficou estampado no jornal... E sabe por quê? Não sabe ainda? Então vou dizer: o Secretário de Cultura saiu candidato numa chapa! E pior: voto aberto e ganhou!

E dizem as más línguas que, até pessoas que dificilmente apareciam nas reuniões, neste dia apareceram e deram voto ao eleito! E olha que não sou linguarudo! Mas sou um ser pensante sim!

Desculpem a minha indignação (e a de muitos outros araçatubenses que sabem como é duro viver numa cidade em que a Cultura não está em primeiro plano – que, sempre que possível, fica para trás, inclusive na aplicação de verbas): mas onde está o que podemos chamar de ‘*razão e ética*’? Será que não existe profissionalismo? Ou apenas interesse de quem exerce o poder?

Não sou politiqueiro. Sou filiado a partido político sim, mas não tenho intenção momentaneamente de disputar cargo nenhum – mas não poderia me calar frente a este absurdo. E penso mais: trabalho é trabalho, amizade é amizade, mas que a verdade seja dita!

“ARAÇATUBA (ou melhor – seus dirigentes) deu um enorme *passo para trás* nos progressos que, embora pequenos, mas que ainda podiam se ver – e agora não mais – pois passa a ser duvidoso qualquer ação a partir de agora: passou a ser presidente do Conselho Municipal de Cultura o próprio Secretário de Cultura. É mole ou você quer mais? Você já viu tal fato? Deve ser somente no Brasil...”

E seguindo o meu raciocínio – como terá um Conselho força de cobrar de seus gestores se, o próprio Gestor Público exerce a função principal? Não terá força alguma. E não adianta sair dizendo que o Presidente do Conselho não faz sozinho – mas a partir de opiniões dos Conselheiros – mas, diga-se de passagem: tal fala não entra na cabeça de nenhum ser que tem, pelo menos, um pouco de noção. E que me poupe as mentes menos esclarecidas com comentários furtivos: eu sou um cidadão que sei ler nas entrelinhas. Posso, às vezes, não estar presente em muitas reuniões aqui na cidade, mas acompanho de perto o que acontece por aqui. Não sou e nem no meu nome tem a letra ‘b’ – que ajuda a formar a palavra ‘burro’!

A ética, acima de tudo, deveria prevalecer, mas não. E pior: porque não adianta neste momento falar apenas da presidência, mas dos que se fizeram presentes na mesma chapa. Parecem leões soltos, famintos, perdidos, ou abandonados após algum espetáculo circense e que seus donos não puderam sustentar por medo de que o picadeiro, num futuro próximo, caísse.

E, para finalizar, acrescento: é vergonhoso saber (embora por más línguas) que até alguns membros do Conselho – representantes legais de deferentes meios artísticos, que podiam exercer o direito de vetar a ação – se ausentaram na hora da votação. É UMA VERGONHA A MAIS PARA A CIDADE! Não são dignos de representar a categoria que representam.

Ausentaram-se para não ser chicoteados mais tarde pela oposição que poderiam ter feito. Mas, penso cá com meus botões: ficou *mais feio ainda*, pois não possuem cabeças firmes para saber o que é certo ou errado e deixaram levar pela amizade – esqueceram que Araçatuba, naquele momento, era a estrela!

Se você chegou até aqui em sua leitura, e sentiu indignado com a atitude tomada por parte da política araçatubense (e espero que pensem muito neste assunto'), dê a sua opinião através do e-mail a seguir que em breve será publicado aqui e divulgado nos meios culturais. Eu faço a minha parte, mostro a minha indignação – independente que conhecer a pessoa de quem falo de longa data. Eu sou assim: língua felina!

SOMA DE MULHERES

Como diz o poeta-cantor que já teve mulheres de todos os tipos, também – não como ele – já tive algumas que marcaram. Jamais esquecerei algumas; outras, nem tanto (ou apenas em “momentos oportunos”).

A mãe dos meus filhos – a mulher com quem dividi alguns anos de minha vida, jamais hei de esquecer. Vivemos bons momentos, mas o destino (ou sei lá o quê!) nos separou. Aprendi a amar e respeitá-la, mas...

O primeiro amor também não se esquece – ainda mais se tratando de um grande amor que perdurou pelos anos da pré-adolescência, adolescência e o início da idade adulta! Aquele descobrir do amor, do olhar, do toque de mão, do primeiro beijo, troca de abraços, de carícias; da cumplicidade. As marcas que nem o próprio tempo – senhor do mesmo – consegue apagar.

Depois outras apareceram. Fui cachorro: não me comprometi, apenas vivi! Às vezes, intensamente. Outras vezes, apenas vivi. Dizendo assim é tão esquisito, mas fazer o quê?

A estranheza das mulheres me fascina. A sutileza de umas, a voracidade de outras, ou, ainda, o ‘tanto faz, deixa acontecer’ – muito peculiar a cada uma. Embebeda-me!

Nestes últimos dias ando a pensar sobre: sobre o encantamento que causam em mim. Conhecidas ou desconhecidas. Até aquelas que jamais as vi, mas as li: fascinam-me! Assim, nenhuma fica de fora – pois citar nome seria, talvez, o comprometimento fatal (e cairia, talvez, no erro: esquecer alguma).

Loiras, morenas, ruivas, negras, brancas, altas, baixas, magras – fofinhas... Mulheres – cheias de garra – e é o que importa. É tudo isso que eu amo: MULHERES!

Hoje, longos anos se passaram de quando escrevi tais linhas... Mas me vejo assim, ainda! Assim por me fazer acontecer... CACHORRO!

SONHO DE SONHADOR

Às vezes nos deparamos com situações interessantes – ou, às vezes, sonhamos um sonho de um sonhador. Ou, ainda, andando pelas ruas da cidade determinadas pessoas nos chamam a atenção levando-nos a lembranças um tanto quanto dolorosas, ou – por outras vezes – alegres. E sonhando continuamos a vida – pois como sempre ouvimos dizer: a vida não para.

É por não pararmos que somos levados a batalhar por dias melhores – às vezes até acreditamos em promessas (mesmo que desconfiando – desconfiando, principalmente das promessas feitas em época de eleição) – mas já passou! E nesse acreditar seguimos em frente, o que passa a ser algo motivador, algo desafiante.

Hoje, mais uma vez, volto a renovar a fé no ser humano. Hoje notei que nem tudo está perdido, ainda – mas não por muito tempo: que o Poderoso tenha misericórdia de nós! Fiz hoje um passeio pelo Tietê – pelo barco Odisseia, acompanhando alunos. Pense!

É sabido que a profissão professor está em falta – e o que antes era de apenas algumas disciplinas, hoje já está abrangendo uma grande parte delas – e, sabemos também que tudo isso é reflexo da relação governo-professor – e, para piorar, a sociedade que não cobra!

TODO DIA É O SEU DIA, MÃE!

Todo dia é o seu dia, mãe! Temos, todos os anos, um dia comercial voltado exatamente para este fato – o Dia das Mães! Para alguns, meramente comercial. Para outros, exatamente o contrário – sentimentalismo mais afinado neste período.

Esta mulher que nos criou – e cria, que sempre precisamos, que amamos e nos amam – é a mulher de nossos sonhos (e em todos os sentidos), com o maior coração do mundo. É uma flor em nosso jardim.

TRABALHAR SÓ DEPOIS DOS TRINTA

Trabalhar não é nada fácil – imagine trabalhar além do que você imaginava trabalhar somente por um motivo: ter começado cedo na labuta do dia a dia, na conquista do pão de cada dia. E pensando em tudo isso, surgiram mais conversas aos meus ouvidos, e fiquei pior ainda. Outro dia ouvi no jornal de uma determinada emissora um assunto que muito me chamou a atenção: aposentadorias.

Belo termo! Felizes ficam aqueles que conseguem chegar são e salvos a esta época – azar, por assim dizer, daqueles que não conseguem exercê-la em plena consciência. Mas não me atenho a isto. Atenho-me às condições que estão sendo colocadas pelos senhores políticos – pretendo não citar nomes para não dizer que puxo a sardinha para determinado partido – adianta, sou apenas eu (quando escrevo)!

Aposentadorias – em específico – para funcionários públicos. Você já imaginou aposentar com 60 anos? Já não sei se isto eu posso interrogar ou exclamar ironicamente! Mas, direi que é o máximo! Veja você algumas profissões que com esta idade já não é mais viável: um atendente de determinado setor público – imagine-o surdo atendendo? Ou, outro setor qualquer... Não, vamos falar do que eu realmente entendo – educação.

Educação. E por que não? Um profissional da educação dentro de uma determinada sala de aula com sessenta anos – sabe como será chamado? De ‘avô’! A palavra tio/tia cairá em desuso (só não cairá no arcaísmo porque permanece o grau de parentesco entre os familiares). Mas imagina você ou seus filhos tendo que aturar um ‘garotão’ de sessenta anos dentro de uma sala de aula?

Imaginou? Pois bem, não será nada legal suportar o ‘garotão’. Muitas vezes surdos, com a voz já ultrapassada – e lá vem aqueles com tais piadinhas: Experientes! Nada disso. Experiência é bom, mas quarenta anos de experiência é muita bagagem para um ser vivo só! Claro que ironicamente falando.

Outro dia eu fiz as contas: comecei a trabalhar com carteira assinada desde os quinze anos, entrei no Magistério Público aos vinte e um: funcionário efetivo do quadro. Só de Magistério, quando completar sessenta anos, terei trinta e nove anos de profissão. Arre! Coitados dos alunos – digo por mim mesmo e por dó deles!

Falando a verdade, daqui a alguns anos – se isto realmente acontecer (e, com correção dos anos - 2024, está acontecendo) – teremos que avisar aos menos avisados que trabalhar só faz bem depois dos trinta... ‘Mas tais absurdos não devem acontecer’ - (acrescento hoje – 2024: estão acontecendo!). Creio eu que direitos adquiridos devem ser respeitados em qualquer lugar (mas...). Ainda não li plenamente algum artigo que venha de encontro às minhas necessidades de compreensão, mas creio que as coisas devam andar por estas vias de entendimento – espero que muita coisa ainda mude e respeite os direitos adquiridos de cada cidadão (só que não, não é mesmo? 2024 mostrando...) – independente da categoria que pertença.

UM BICHANO ESPECIAL

Hoje pela manhã ao chegar em casa encontrei-a bem alegre – cuidava das plantas. Lavava, carinhosamente, as folhas da violeta – roxa. E colocou-a ao sol – que por sinal até às plantas faz bem.

Dei-a a ela quando completamos uma data simbólica (mas real) de nosso encontro. Veio toda arrumada, com papel-efeite em volta e dentro de uma caixa-suporte de madeira. Dias passados, papel retirado, caixa-suporte virou pedestal para a delicada violeta. E nesta amanhã, solitário, foi ocupado pelo bichano.

Não um bichano qualquer, mas uma em especial: a Nega Angorá, de pelos felpudos, olhos verdes – dócil. (Apenas uma observação: não que os bichanos não sejam especiais, mas que esta é a minha favorita.)

Nega Angorá – toda preta: nem era preciso dizer, tomou posse do lugar, se enrolou toda em seu próprio rabo e lá, preguiçosamente, dormiu.

Fiquei a pensar: até os animais gostam de se aconchegar em lugares, às vezes, impróprios – mas novos. E nós, humanos, não gostamos também de coisas novas?

UM DIA GOSTARIA DE SER POLÍTICO

Outro dia lendo os jornais locais – recebo-os em casa – e notei que há tantas coisas a pensar sobre a política. E, já não é a primeira vez que me vem à mente: por que não ser político? Ou, por que não tentar uma cadeira no Legislativo?

Deve ser interessante: pois as brigas são constantes, os desacordos enormes... Logo, eu que sou meio ‘fuçado’ – por assim dizer, seria uma boa. Para não dizer que gosto de ver e fazer as coisas certas, por isso ‘brigo’ pelas coisas que acho certas, ou – ainda – para ter as coisas certas.

E, pensando neste assunto, conversei com alguns amigos (amigas) que também estão nesta situação desconfortável perante os atos de nossos políticos (desconfortável porque não concordam com o que eles fazem) e disseram-me – pelo menos uns quatro ou cinco: nestas próximas eleições sairei para o campo. Ou seja: darão a cara a bater pelos ideais que pregam.

Fico a me perguntar: será que valerá a pena? As eleições estão às portas e nossa cidade tem muito a se fazer – e não apenas em final de mandato (como notamos por aqui – e não somente aqui na esfera municipal, acontecem tais estratégias também nas esferas estadual e federal). Por que os cidadãos araçatubenses não começam a pensar de forma diferente? Simples: mudança nos quadros do Executivo e do Legislativo.

Creio que devemos pensar de forma diferente e o mais rápido possível. Como cidadão, observo atentamente os políticos, e ressalto: que nem tudo está perdido – pois há coisas boas, ainda! Mas, por outro lado, os que lá estão não fazem mais do que obrigação: foram eleitos para isso!

E nós, aqui do lado de fora, como espectador, concluímos: por que será que os que lá estão mudaram de suas posições iniciais – principalmente antes de serem eleitos? Será que meus amigos vão mudar quando lá chegarem, se chegarem? Ou, ainda: será que mudarei se um dia chegar lá?

Começo a rir sozinho com tais ideias e observo atentamente ao Troféu “Odette Costa”, recebido em dois mil e onze, por fazer parte contínua da divulgação cultural em ‘Mídia Livre’ no ano anterior em nossa cidade – oferecido pelo Conselho Municipal de Cultura. Mais acima o ‘Voto de Aplauso’ recebido em fevereiro deste ano de dois mil e doze na Câmara dos Vereadores pelos trabalhos prestados ao setor da Educação, em dois mil e onze. É de se pensar: tenho potencial!
(24/03/2012)

UM SER REVOLUCIONÁRIO OU NÃO?

Estudando um pouco as palavras do léxico, a palavra ‘revolucionário’ deveria ser presente em todos os seres, principalmente nos profissionais da Educação – por excelência naqueles que trabalham nas salas de aulas, os professores.

Segundo o Mini Dicionário Aurélio, a palavra revolucionário é um adjetivo, e significa: *1- Relativo a, ou próprio de, ou que é adepto de revolução. 2- Aquele que prega, lidera ou toma parte em revolução ou revoluções.* Partindo destes significados, não seria o professor – por excelência – um revolucionário? Por que não ser?

Usando-a no sentido mais amplo possível, uma revolução busca sempre melhorias a determinados grupos de pessoas – embora deixando atrás de si o seu lado negativo – mas não deixa de preocupar ambos os lados: quem ganha e quem perde.

No caso do profissional da educação, em especial o professor, não é diferente. A preocupação ainda é maior: tem-se em mãos um ser que está em formação – e, se mal formado, carregar-se-á pela vida toda aquela formação. Há um antigo ditado popular que diz: *‘dobra-se enquanto é verde, enquanto é novo’* – molda-se a criança enquanto é nova, depois de certo amadurecimento é mais difícil. Nas mãos deste profissional passa a vida de todos os seres – ainda mais quando se quer erradicar o analfabetismo. Então, por que não o valorizar? Ou, por que não o deixar ser revolucionário?

As ideias do professor (exceto algumas ideias) deveriam ser e ter maior valor perante os dirigentes da Educação. Através dos Sistemas Educacionais implantados nas Escolas, nota-se que grande parte destes que lá estão não estão vivenciando o dia a dia escolar (e por isso delegam poderes, mas não os comprovam na eficácia do dia a dia). Então, o que fazer?

O que fazer? É uma pergunta que já vem há muitos séculos, mas sabemos que muitos na intenção de melhorias implantam sistemas e mais sistemas na busca de saídas (alguns sistemas sem continuidade); então, mas por que não deixar o professor ser revolucionário?

Ser revolucionário não é ir contra os argumentos lançados por algum Sistema de Educação – seja de um país ou de um Estado –, mas ir contra o que não acha certo. Dentro dos parâmetros legais (como no Brasil – os Parâmetros Curriculares Nacionais) buscar alternativas que venham satisfazer o educando e a si mesmo. Ser revolucionário na educação é buscar dar de si o melhor para alcançar objetivos que satisfaçam as necessidades do momento.

Tem que ser lembrado que não há ‘cartilha’ para ser um bom professor, ou ainda, não há regras de como ser professor. Ser professor se concretiza na prática, na sala de aula. Um exemplo claro disto aconteceu comigo: saí da faculdade sem nada de experiência em sala de aula. Sofri nas primeiras aulas, mas aprendi, e estou aprendendo – pois o meu maior desejo era ser professor. E consigo ser professor! E um professor revolucionário!

A exemplificar, o professor que deseja ser revolucionário deve começar com uma ‘sala de aula diferente’, com uma ‘aula diferente’ – até tornar o espírito realmente revolucionário – até conclamar o povo, os seus alunos, à guerra! A guerra contra o mau sistema (no caso de interpretá-lo

assim), contra o mau profissional, contra as pressões superiores e seus argumentos nada convencionais, contra a “miséria educacional”. Pelo lado do aluno: faça valer a sua participação (sua ação natural de adolescente), critique, faça parte do Grêmio Estudantil, do Conselho de Escola (onde pode observar que poucas escolas funcionam como deveria – pois muitas só existem no papel, mas o diretor dá a palavra final), defenda a sua opinião.

Observando todos esses princípios, não devemos nunca cruzar os braços. Nunca cruze os braços: você é um revolucionário (o revolucionário só cruza os braços quando lhe vestem o paletó de madeira!). Sempre o revolucionário deve buscar novas saídas, caso contrário, será derrotado.

Lembre-se que o professor encontrará o resultado do seu trabalho daqui a alguns anos: quando você entrar num hospital, num consultório dentário, nas lojas do comércio ou em qualquer lugar e dar de frente com o ‘fulano’: este foi meu aluno – talvez ele nem se lembre mais, mas lá no fundo você sabe o que você fez de digno para aquela pessoa enquanto cumpria a sua função de educador.

Concluindo, muitas vezes temos alunos que chegam a dizer que somos ‘espinhos nos pés deles’, mas nota-se o resultado quando muitos alunos chegam com resultados extras – como excelentes notas no ENEM (no caso do Brasil), ou quando mostram que passaram em boas faculdades – e, logo acrescentam: “Valeu o senhor (a) pegar no meu pé!” E lá no fundo nós concluímos que estamos cumprindo o dever, somos bons profissionais – alguns são revolucionários sem saber.

Fechando este artigo, quando se trabalha com jovem, o que eles menos querem é ser professor, pois sabem bem lá no fundo que é um trabalho sofrido, mal remunerado, mas estou muito feliz porque na arte de ser professor já consegui – através do trabalho diferenciado que faço em sala de aula – conduzir alguns jovens a ser professor: uma já está formada e trabalhando (professora de Português). Quando fiquei sabendo disto – e ainda mais incentivadas pelo meu trabalho, senti-me um ser revolucionário, um profissional revolucionário. É gratificante!

ESCREVA-ME

aprendizdeescritor.ata@gmail.com

O AUTOR



PEDRO CÉSAR ALVES

Sou um cidadão cristão, que deseja estar um dia com Cristo, Amigo Fiel. Sou brasileiro, natural de Araçatuba / SP. Amo tocar (clarinete - desde os meus oito anos), ler, escrever, louvar; conhecer e aprender continuamente. Sou bastante 'pesquisador' e gosto de passar o que aprendo a quem tem necessidade (quando aceitam).

Nasci às 14h20, de 07 de dezembro de 1970. Sou casado com Eliana Marques, temos três filhos (Júlio César, Fernanda Carolina e Douglas Henrique). Tenho formação Acadêmica em Letras (Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura e Redação), em Jornalismo, Pós-Graduação em: Pedagogia, Gestão Educacional, Literatura Brasileira, Literatura Africana-Indígena-Latina, Gestão de Bibliotecas Públicas. Mestrado em Teologia (doutorando) e Música. Fiz vários Cursos nas áreas de Escrita / Literatura / Produção e Publicação Literária (uma das áreas de minha atuação) / Teologia. Publiquei o meu primeiro livro impresso no ano de 2000 e o último em 2023 (e vários livros E-books, além de Revistas e Tabloides / Programa de Rádio / Sites).

OBRAS IMPRESSAS

2023 - PREGAÇÕES EDIFICANTES
2022 - EXPERIMENTÂNEA 14 (PARTICIPAÇÃO)
2021 - A EDUCAÇÃO CRISTÃ (DISSERTAÇÃO DO MESTRADO)
2019 - 1ª ANT. AMOLIVROS / AUTORES REUNIDOS (ORGANIZADOR)
2018 - EXPERIMENTÂNEA 12 (PARTICIPAÇÃO)
2017 - COLETÂNEA 'ELDORADO', VOL. XXX (PARTICIPAÇÃO)
2017 - AS CRÔNICAS QUE ESCOLHI ESCREVER - VOL. 1
2017 - RELATOS...
2017 - POEMAS DO PECE (VOL.02)
2017 - POEMAS DO PECE (VOL. 01)
2016 - VIDA (POESIA E VIDA, VIDA É POESIA) / PARTICIPAÇÃO
2016 - DETETIVE DE PRIMEIRA 'VIAGEM'
2016 - MINHAS CRÔNICAS / 2015 (1º SEMESTRE)
2014 - EXPERIMENTÂNEA 11 (ORGANIZADOR)
2013 - 26º CONCURSO DE CONTOS (MENÇÃO HONROSA)
2012 - REVISTA PLURAL 14 (PARTICIPAÇÃO)
2012 - EXPERIMENTÂNEA 10 (PARTICIPAÇÃO)
2005 - PALAVRAS PARA O CORAÇÃO (PARTICIPAÇÃO)
2004 - SÃO PAULO EM PROSA & VERSO (PARTICIPAÇÃO)
2004 - PORTAL CÁ ESTAMOS NÓS (PARTICIPAÇÃO)
2001 - PÉROLA E POESIA (COLET. IV) / PARTICIPAÇÃO
2000 - OS MOMENTOS MARCANTES DOS PEQUENOS AVENTUREIROS

JORNAIS / FOLHETINS > LITERÁRIOS / ESCOLARES / TEOLÓGICOS (ONLINE)

www.aracatubaeregiao.com.br (Site 'Araçatuba e Região')

OBRAS ONLINE

2023 - REFLEXÕES CRISTÃS
2023 - CAMINHOS ENTRELAÇADOS
2023 - DO CAOS À DESCOBERTA INTERIOR
2023 - ADELAIDE, UMA JORNADA INTERIOR
2023 - PEDRO E A LUA (PORT.)
2023 - PEDRO Y LA LUNA (ESPAÑHOL)
2023 - PETER AND THE MOON (INGLÊS)

2021 - REVISTA PROSEAR AO MUNDO

2020 - 2ª ANT. AMOLIVROS / AUTORES REUNIDOS (ORGANIZADOR)



PAZ... HOJE E SEMPRE!

ARAÇATUBA / SP
JANEIRO DE 2024